



PSICANÁLISE

Jean-Claude Rolland

# A língua e o psíquico

**Blucher**

# A LÍNGUA E O PSÍQUICO

Jean-Claude Rolland

Tradução

Ana Maria Andrade Azevedo

*Título original: Langue et Psyché. Instantanés métapsychologiques*

A língua e o psíquico

Todos os direitos reservados. Tradução autorizada da edição de língua francesa publicada pela editora Ithaque

© 2020 Jean Claude-Rolland

© 2020 Les Éditions d'Ithaque

Editora Edgard Blucher

*Publisher* Edgard Blücher

*Editor* Eduardo Blücher

*Coordenação editorial* Jonatas Eliakim

*Produção editorial* Lidiane Pedroso Gonçalves

*Preparação de texto* Maurício Katayama

*Diagramação* Villa d'Artes

*Revisão de texto* Isabel Silva

*Capa* Leandro Cunha

*Imagem da capa* iStockphoto

# Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

**contato@blucher.com.br**

**www.blucher.com.br**

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

*Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,

julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação

na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Rolland, Jean-Claude

A língua e o psíquico / Jean-Claude Rolland ; tradução de Ana Maria Andrade Azevedo. -- 1. ed. -- São Paulo : Blucher, 2022.

230 p.

ISBN 978-65-5506-072-0 (impresso)

ISBN 978-65-5506-073-7 (digital)

1. Psicanálise 2. Língua e psicanálise I. Título  
II. Azevedo, Ana Maria Andrade

22-0743

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

# Conteúdo

Introdução	7
1. A linguagem, suporte da memória	9
2. Os três estados da língua	15
3. Propriedades estruturais da terceira língua	25
4. A palavra incoativa	43
5. O imaginativo ( <i>l'imageant</i> )	59
6. A relação de objeto e o objeto interno	75
7. O recalque	93
8. Sublimação e excreção do objeto	103
9. Contrainvestimento e dor	119
10. Estranheza do princípio do prazer	129
11. O Eu inconsciente	143
12. A cena psíquica	155

13. Da substância ao signo	165
14. As etapas da figuração	175
15. O conceito do inconsciente renovado pelo conceito da negatividade	185
16. A linguagem em sua relação com o inconsciente (a linguagem contra o inconsciente)	199
17. Discurso e transferência	211
18. O outro ou o <i>Nebenmensch</i>	219

# 1. A linguagem, suporte da memória

No dia 6 de dezembro de 1896, Freud escreve a Fliess:

*Você sabe que trabalho com a hipótese de que nossos mecanismos psíquicos surgiram por uma superposição de estratos, onde o material presente sob forma de traços mnésicos, sofre de tempos em tempos um reordenamento segundo novas relações, uma retranscrição. O que há de essencialmente novo em minha teoria é a afirmação segundo a qual a memória não está presente apenas uma vez, mas sim muitas vezes, consignada em diversas espécies de sinais.<sup>1</sup>*

Constatamos que, para seu fundador, a psicanálise não é apenas uma teoria a serviço de um método psicoterapêutico, ela é também uma ciência do psíquico e uma ciência da memória, depósito das dolorosas experiências da infância do homem adulto. A noção de “traço mnésico”, ainda ativa no pensamento metapsicológico tardio do autor, é uma reminiscência da tradição

---

<sup>1</sup> Freud, S. (1986). *Lettres à Wilhelm Fliess*. Paris: PUF. p. 264.

neurofisiológica da qual Freud foi um discípulo. Para essa tradição, a memória significa a conservação das experiências sensoriais no tecido nervoso. É uma memória animal, biológica.

Freud acrescentou a essa tradição o fato de que toda percepção significativa, conservada de forma durável, mobiliza as moções pulsionais poderosas que habitam a alma da criança; estas conduzem a um fazer de novo, ao *reordenamento* do dito traço mnésico; um afeto primordial está, portanto, sempre em jogo na constituição dessa memória, à qual apenas a experiência analítica dá acesso, e que é muito diferente daquela que edificam os neurofisiologistas e cognitivistas; esta, a memória, é sempre um misto de dados perceptivos e emocionais, e as imagens às quais dão lugar são imagens secundárias compostas.

Um outro aspecto – um outro estrato – da memória é a língua na qual se transcrevem os traços mnésicos. A linguagem tem um vínculo direto com três ordens de fatos: a realidade do mundo psíquico; a ordem do mundo interior, portanto das fantasias, das pulsões e das tendências edípicas incestuosas e a ordem da comunidade e da cultura, o que dá ao indivíduo humano um estatuto particular em face dos outros seres viventes.

Uma oposição essencial se estabelece entre uma *memória sensorial, primeira*, feita da inscrição mimética da realidade, dos objetos e da reação pulsional que estes induziram, no que se tornará a psique, e uma *memória secundária construída em torno do material semântico*. Como as palavras terão a possibilidade de conservar os fatos do passado é uma questão que, por enquanto, não temos os meios para solucionar.

Com a memória sensorial, pela própria dos objetos que aí estão inscritos e pelo processo de excitação que ela aí introduz, temos um pedaço de realidade, um pedaço de natureza, no centro do espírito. Essa memória biológica servirá de matriz para o objeto interno primário.

Com a memória evocada pela linguagem, entramos numa ordem que serve a uma finalidade, que lhe é própria, sem relação nenhuma com aquela da natureza. Essa memória estará constituída por um conjunto complexo de representações mentais, fortemente erotizadas, tendo sofrido recalcamientos, mais ou menos maciços. Esses recalques conferem-lhe uma força invasiva cuja primeira expressão é a compulsão à repetição, tal como Freud (1920) a descreve em *Além do princípio do prazer*, de forma a tentar contaminar seus conteúdos no presente atual do sujeito. Assim, embora tendo o suporte da língua, essa memória se manifestará em atos antes que seu suporte a condene a se converter em palavras, ou seja, em lembranças. Ela é também uma memória que resiste a apagar-se, quer conservar seus objetos e suas moções de desejo, contribuindo amplamente com o caráter conservador do espírito. O aparelho psíquico começa realmente com a substituição, que tem a forma repetitiva da memória primeira, a de uma memória de representação.

A instauração na vida psíquica primitiva de uma memória cumulativa, que é o conjunto das experiências afetivas vivenciadas pelo *infans* – e sobretudo as mais traumáticas –, precede a instalação do recalque – ao qual consagraremos mais tarde um capítulo –, que faz a memória perder sua capacidade natural de lembrança. No entanto, não é a capacidade de se rememorar que essa operação visa: o esquecimento produzido assim reassegura também, paradoxalmente, a conservação dos objetos de amor, que na evolução para a cultura exigirão a renúncia.

Essa dupla ação do recalque permite a compreensão do caráter contraditório de duas grandes filosofias tradicionais ligadas à memória: enquanto uma honra o passado ou lhe rende justiça, o que designa o termo dever de memória, outra ameaça o progresso e entrava o futuro.

A representação da memória que constrói o pensamento analítico não é complicada, mas sim estranha. O estranho significa que o recalque está na origem da conservação e do esquecimento. Freud afirma:



*Todo estado de desenvolvimento anterior se mantém ao lado de um estado ulterior nascido deste; a sucessão condiciona a coexistência, embora sejam os mesmos materiais que desenrolam toda uma série de modificações.” Podemos designá-la como uma capacidade particular para a retrogradação – regressão –, pois acontece que esse estado de desenvolvimento ulterior mais elevado, que foi abandonado, não poderá ser alcançado de novo. No entanto, os estados primitivos podem sempre ser reinstaurados; só o anímico primitivo é, no seu sentido pleno, incapaz de ser ultrapassado.<sup>2</sup>*

O recalçamento é um processo que entra em jogo quando há sinal de desprazer, sob o efeito da dor que foi induzida por uma experiência infantil infeliz. A “memória do esquecimento” decorrente do recalçamento é por essência dolorosa, e toda rememoração desta traz o despertar da dor inicial. Sendo o objeto dessa memória superinvestido eroticamente, seu recalçamento acentuará o valor passional e reforçará sua propensão à conservação.

Dor e hipersexualização são os pilares dessa memória inconsciente que a doutrina analítica afirma por sua teoria e conceptualização, e por seu método (o tratamento).

O que se transmite da mãe à criança, esse “pacote” da língua materna, que logo a seguir a criança tratará como sua língua própria, é uma formação complexa que inclui tanto paixão como conceito, tanto silêncio como palavra, tanto aberturas como proibições. Seu qualificativo de “maternal” se refere a uma outra substância indispensável para a criança, o leite, primeiro alimento carnal no asseguramento de seu desenvolvimento psíquico,

---

2 (Freud, 1915, p. 139)

lhe assegurando também, mais tarde, a aptidão de se separar de sua genitora.

A língua por si própria, assim como a memória, é constituída de vários estratos. Um deles, a terceira língua, que examinaremos no próximo capítulo, constituirá a substância própria da mente, o tecido da alma. Ela é a que se transmite em primeiro lugar da mãe à criança. Por sua sintaxe e sua materialidade sonora e gráfica, ela organizará uma tela estendendo suas redes entre os homens, no interior de cada um deles, nas diferentes peças psíquicas que fazem suas almas. Ela conservará os traços de todos os acontecimentos, tecendo esses reencontros (como a tela conserva o traço dos movimentos do pincel que aí foram assinalados). Seu rebaixamento psíquico, devido a insuficiência de nosso conhecimento atual, a torna diretamente inacessível. Podemos, no entanto, representar esquematicamente: o indivíduo recebe a matriz de sua língua de seu meio cultural; depois ele lhe atribui um conteúdo pela palavra; sua aquisição foi o gesto que arrancou o homem da animalidade e, é o meio pelo qual tecemos a língua.

A língua é então uma “estrutura” pela qual formalizamos as ideias e emoções, cuja composição sempre singular, define uma dada subjetividade. Precisamente por essa capacidade psíquica que lhe é devida, a língua, pode construir um aparelho também imaterial, tanto quanto insistimos sobre a alma ser “uma substância sem corpo”.

Se a língua e a palavra estivessem onipresentes em sua prática e em sua teoria desde o nascimento da psicanálise, não imagináramos – talvez nem seu fundador o imaginaria – que palavra e língua se revelariam, no desenrolar de sua progressão de uma importância tão grande. Importância que ainda hoje é difícil avaliar, pois onde a ciência organicista trabalha com ferramentas e técnicas sempre

renovadas, sobre um corpo ou matéria que, por sua densidade e sua opacidade, lhe resistem, o analista trabalha com um corpo espiritual – a língua – cuja materialidade lhe escapa, em busca de palavras que por definição são evanescentes. No entanto, a situação analítica, por suas ferramentas (a transferência, o discurso associativo, a interpretação) e por seu enquadre (autorizando a regressão) coloca essa língua em crise; sua tarefa deve, portanto, aproximar-se de seu enigma e conceituar algo sobre ele.



*Nos vinte ensaios reunidos neste livro*, Jean-Claude Rolland realiza uma investigação metapsicológica aguda e criativa a respeito do funcionamento do inconsciente, destacando a função radical da palavra e da língua no processo analítico.

Por quais vias a atividade da fala, tal como se dá na intimidade da sessão analítica, constitui-se como principal instrumento, capaz de instaurar transformações na vida psíquica e conseqüentemente o êxito da análise? Quais lugares a imagem, com sua substância sensorial, e a palavra ocupam nos processos psíquicos?

O autor debruça-se com inspiração e paixão sobre estas questões, apoiando-se na metapsicologia freudiana, e numa escuta analítica fina e sensível, apresenta-nos hipóteses consistentes, e com grande valor heurístico, acerca das propriedades da língua e das operações que ela executa no seio do tratamento psicanalítico.

*Ricardo Luiz Saliby*

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-072-0



9 786555 060720



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## A Língua e o Psíquico

---

**Jean-Claude Rolland**

ISBN: 9786555060720

Páginas: 230

Formato: 21 x 14 cm

Ano de Publicação: 2022

Peso: 0.336 kg

---